

BIBLIOGRAFIA LUSO-ITALIANA

A. R. FERRARIN, *Storia del Portogallo*. Edições S. P. F. Roma 1940.

A história do Portugal atlântico, neolatino e católico é uma história inteiramente europeia, mesmo até quando se expande na Índia e no Brasil. Esta história interessante, sem origens (veja-se como uma nação pode nascer da sua formação de estado administrativo) é contada por Ferrarin, num dos belos volumes do Instituto para estudo da política internacional. Neste pequeno volume o A. coloca bem o problema da história da nação portuguesa, não como uma abstracção geográfica, mas numa realidade política, cultural, espiritual, julgando criteriosamente, sem sofismas ou fantasias que deformassem os conceitos.

Só em 1085, aparece como um estado feudal, enquadrado na península Ibérica, o condado que seria o núcleo do futuro Portugal: poucas nações tiveram um nascimento tão nítido.

Nos primeiros anos, a luta entre os grandes feudatários que procuravam, como em toda a Europa, conquistar autonomia, com prejuízo do poder central, pela anarquia, cubia

de independência e preponderância, cava rapidamente um sulco entre os barões de Espanha e os do jovem Portugal, que será a primeira fronteira espiritual entre os dois povos. As fronteiras políticas decisivas; a criação dum reino bem definido, tornando-se independente para sempre da absorção da Espanha; isso foi obra de Afonso I, coroado rei por volta de 1140.

Até agora, nós não temos senão um território, talvez imprescindível mas sem história especial: a vida das nações reside na sua individualidade, no contributo para a civilização, com ideias, leis, poesia, etc.. Para dar a este estado uma unidade interna e segurança, criando-lhe uma universidade, fixando-lhe a língua, cuidando duma futura esquadra e preparando o exército, aparece na história de Portugal um rei, senhor culto da Europa do século XIV, Dom Diniz, o rei Lavrador.

Com D. Diniz, consolidou-se a recém-nascida nação portuguesa. Prova-o a resistência do povo sobre a direcção dos seus reis, que nada tinham dos antigos senhores, reis que agora são fervorosos patriotas e se opõem à invasão castelhana no fim do século XIX.

Mas o espírito da nova Europa de quatrocentos não se consumia somente na criação do duro absolutismo senhoril. Preocupava-a também o espírito humanístico, confiado na inteligência, sedento de luz, de conhecimento, de expansão. O pequeno Portugal, vê também neste humanismo o ardor que impeliu os combatentes de Aljubarrota à descoberta de novas terras. É esse o capítulo mais belo da história de Portugal, um pequeno povo, cheio de ideais humanísticos — religiosos, que o levou em procuras do reino de Prestes Joan, com o único fim de propagar a religião cristã, combatendo o Islamismo, que tem o seu ponto culminante na viagem de Vasco da Gama. Só depois da chegada de Gama a Calcuta é que a «velha luta entre cristãos da Ibéria e os mussulmanos passa do plano heróico — religioso para o comercial».

Antes do espírito de avidez, de pirataria, de sede de ouro, a dilatação da fé; são eles que primeiro dentre todos os europeus deslocam o centro das relações entre a Ásia e a Europa, do Mediterrâneo, sempre invadido pela Ásia, à Índia, aberta finalmente às competições europeias.

Ao período dos grandes acontecimentos, das conquistas, da cultura (é esta a época dos Lusíadas) segue-se um período de miséria e de decadência; é o período da contra-reforma, no qual Portugal se isola da vida cultural europeia entorpecendo o ardor dos antigos combatentes, enfraquecendo

o antigo orgulho nacional. De morte heróica morre este Portugal na batalha de 1577 que viu três reis caídos sobre o campo de batalha e que Ferrarin, narra com relevo notável. Desde 1580 Portugal é absorvido pela Espanha e só se liberta em 1640, numa conspiração aonde se reúnem todas as forças nacionalistas que, juntas em globo, lutam contra as forças maiores não só militares mas também diplomáticas. A lúcida análise da decadência económica, social, religiosa, cultural desta nação, já livre do control estrangeiro é o capítulo intitulado «O ouro do Brasil».

Um terceiro Portugal parece nascer da contraditória política de Pombal, o Frederico II português, que quer fazer da sua pátria um estado do seu tempo e no entanto renova os erros medievais; mas a sua obra, apesar de incompleta, renovou a vida portuguesa com horizontes europeus.

O terceiro Portugal, renasce na Europa como em Itália na consciência dos combatentes contra Napoleão, pelos generosos de 1820.

Os anos atormentados do século XIX são caracterizados em Portugal por revezes políticos e sociais, comuns aos estados europeus, daqueles tempos, com particular inexperiência dos dirigentes desta política que teve origem na revolução de 1820. Todavia, por entre a desordem das finanças, a corrupção parlamentar, humilhações à política, a incapacidade de reinar com competência, o analfabetismo e a emigração das massas, no meio

dêstes males todos, no pequeno Portugal vai-se formando uma nova consciência. Nessa hora, só existe uma cultura elevada, muito rica, não sômente de poesia, mas uma cultura a que era estranha a vida nacional e de tal forma se difunde num cepticismo, que leva ao suicídio alguns vultos mentais dessa época.

Em 1910 as classes cultas viram um professor regicida a que o novo Portugal se reünira. Abolida a monarquia, o republicanismo português confiou-se nas mãos da carbonária e do positivismo, já muito cansados e muito arredados da civilização europeia para que podessem ser capazes de restaurar uma obra melhor. De 1910 a 1926 o estado da Nação não mudou senão de nome. O primeiro sinal de vida foi dado com a intervenção de Portugal na guerra europeia, gesto que não pretendia senão defender os restos do seu império colonial, constituído mais por uma afirmação ideal de uma grandeza passada do que por fonte de riquezas económicas.

A salvação vem com o Estado Novo, uma ditadura com carácter peculiar, iniciada por militares e hoje dirigida por um pensador e excelente economista — Salazar. A história desta ditadura desenvolvida sob os nossos olhos, fundou-se como todos os momentos similares, sobre os valores ideais da pátria, da tradição, da religião, do exército, do corporativismo, mas com uma característica individual, uma acentuada técnica financeira.

O Estado Novo é um governo de fé, de honestidade e de técnica. A Portugal e à Espanha abre-se hoje um futuro de colaboração na defesa do mundo neo-latino, ibérico, da Europa e da América em volta da sua nova cultura.

Tal é o conteúdo, nas linhas essenciais, da visão de Portugal por Ferrarín.

G. P.

FR. AGOSTINO GEMELLI, *Lo studio della personalità umana* — Academia das Ciências — Lisboa, 1940; pg. 20.

Partindo de uma crítica das três principais orientações da psicologia *postwundtiana* — *behaviorismo*, *psicanálise*, *teoria da forma* — Gemelli neste estudo lido em sessão solene da Academia das Ciências de Lisboa em 14 de Fevereiro de 1940 — sustenta a necessidade de uma pesquisa à vida psíquica na sua totalidade e no seu dinamismo; teoria que o A. defendeu nos seus estudos como meio diagnóstico da personalidade. Tal critério, aplicado à psicofisiologia em geral e à antropologia em especial, deu já notáveis resultados concretos, sem pretender chegar, através dêles, a conhecer a fundo o mecanismo da personalidade humana.

EDOARDO BIZZARRI — *Machiavelli antimachiavellico* — Ed. «La Nuova Italia» — Firenze, 1940; pág. 144.

Uma nova versão de Machiavelli

antimachiavellico: isto é Machiavelli verdadeiro, que ninguém ainda quis ver, em nítido contraste com o monstro do machiavelismo, criação pura dos uguenotes. Esta matéria é tratada com bastante originalidade neste volume, que ainda inédito, ganhou no ano passado uma parte do Prémio de San Remo, no concurso estabelecido precisamente sobre este tema.

Esta nova interpretação de Machiavelli assenta sobre uma revisão dos tradicionais conceitos do Humanismo e do Renascimento. Restaurada a perspectiva histórica mais satisfatória procurou o A. nessa linha o equívoco inicial onde surgem as múltiplas deformações do pensamento de Machiavelli, que o autor estabelece desde o ponto de partida.

Sobre este ponto de vista, E. Bizzarri fixa os princípios fundamentais em que assentam as bases das teorias de Machiavelli que o iluminam e o explicam em toda a sua complexa variedade de expressões e valores.

A luz dêstes princípios vivamente afirmados por Bizzarri, torna-se fácil coordenar em si e coligar todas as posições de vida e de pensamento de Machiavelli e encontrar para todas as particulares acusações uma resposta adequada. Este livro, tal qual nos aparece, não quer fornecer uma síntese completa do grande Florentino; propõe-se sômente fornecer uma clara introdução a um estudo bem orientado, sobre o pensamento de Machiavelli. De interesse particular são as in-

terpretações que o A. nos dá do Renascimento, (uma solução clara do problema confuso e debatidíssimo sobre a ética de Machiavelli, solução discutível sobre o ponto de vista filosófico, mas plenamente aceitável debaixo do ângulo histórico), e sobre a romanidade do autor do *Príncipe*.

VERGÍLIO TABORDA — *Maquiavel e Antimaquiavel* — Ed. de Coimbra, 1939 pg. 156.

A devoção fraterna dos amigos do Dr. Vergílio Taborda não quis que se perdessem essas páginas...». É assim que começa a nota prévia deste volume de estudo e reflexão. Por ela se vê que o seu autor é já morto. Mas o que é facto é que estas páginas são valiosas, até porque sobre o assunto pouco se tem falado na moderna literatura portuguesa.

O tema de Maquiavel é sempre apaixonante, «ou se odeia ou se admira ou ambas as coisas ao mesmo tempo», como diz o A.. São raros aqueles que se metem nele e dali saem com a razão incólume, como convém aos que se propõem estudar seja que assunto fôr. O nosso A. não foge à regra. Tem a sua verdade. No entanto tem bastante interesse a consulta deste livro. Até porque sabe separar Maquiavel de Maquiavelismo.

Mas o maior atractivo deste livro é a parte que consagra ao estudo do antimaquiavelismo peninsular. É uma reflexão muito serena da história das ideias políticas na Península.

ROLÃO PRETO — *Fascismo* — Ed. Gil Vicente — 1939: pg. 32. Chama-lhe em sub-título o A.: artigos ressuscitados duma antiga polémica. E valeu a pena essa ressurreição. Rolão Preto, com a antecipação de dúzia e meia de anos, soube adivinhar a glória do Fascismo.

Encontra-se integrado na história da civilização o movimento fascista. Não há ninguém que o possa negar. Mas o movimento de ideias se tem os seus apóstolos tem também os seus profetas. E Rolão Preto no caso presente foi em Portugal o antecipador da ideia fascista.

Lê-se dum só trago este pequeno opúsculo. Mas se os artigos que constituem o conteúdo tem interesse, não tem menos o prólogo. Após o triunfo do fascismo desde a marcha sobre Roma e reconciliação com o Vaticano (triunfo interno) até à conquista da Etiópia e das vitórias das suas milícias em Espanha, da formação do Eixo Roma-Berlim, o autor analisa esse após com uma lúcida crítica cheia de observações notáveis.

«A origem das transformações históricas é sempre um acto de fé, um largo sopro de poesia» diz-nos o A.. Mais adiante, «Mussolini não podia, para vir a ser Mussolini, ter apenas uma simples alma de burocrata... Por isso teve a alma de apóstolo».

Outra afirmação ainda, «As gerações novas, é bem verdade, que acreditam na História, mas só com a condição delas próprias continuarem escrevendo-lhe páginas triunfais».

Com estas transcrições nós quisemos demonstrar quanto de alto senso de observação nos dá o autor no seu trabalho.

Para fecharmos este pequeno comentário diremos ainda que em síntese rápida Rolão Preto nos dá páginas de brilhante observação. É de veras notável o retrato que nos pinta de «Benito Mussolini, proclamado Duce do Fascismo, nunca deixou de ser italiano em toda a acepção do vocábulo: — alegria, despreocupação, audácia, espírito aventureiro, gesto de teatro, espanto imperial, tudo que é pertença desse povo admirável, que sente correr nas veias, com o sangue latino, a arte e a cultura de espíritos séculos de ouro; que enche orgulhosamente o peito das fortes brisas heróicas, que sopram no velho Mediterrâneo, levando consigo, para todo o sempre, como uma auréola, os clamores triunfais da Roma eterna e lendária».

EDUARDO BRAZÃO — *Relance da História Diplomática em Portugal* — Ed. Civilização, 1940: pág. 320.

A diplomacia da Restauração até aos nossos dias é o assunto do presente livro de Eduardo Brazão. Depois de o lermos ficamos com a noção de que este é que é o verdadeiro método por que se devia ensinar a história de Portugal. Esclarece as relações de Portugal com todos os países, maiormente com a Santa Sé no período da Restauração e no tempo de D. João V para se obter

a criação do Patriarcado de Lisboa.

Mas afora estas muitas mais questões históricas ficam aclaradas.

Sabiam-se dos assuntos diplomáticos ou por memórias particulares dos estadistas, por inconfidências, cartas, etc., mas nunca tinham sido reunidos numa obra de

coordenação como é este livro. É possível que o presente volume não seja definitivo e que algumas erratas venham a ser corrigidas. Mas se tudo foi por bem, como o A. o diz, está absolvido pelo critério de todos os leitores.

A. A.